18° ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

BELO HORIZONTE - MG
11 - 14/ AGOSTO

PAISAGENS EM DIÁLOGOS
TERRITÓRIOS, MEMÓRIAS E NATUREZAS

ENEPEA 2026

PAISAGEM, VULNERABILIDADE E EVENTOS CLIMÁTICOS EXTREMOS: EXPRESSÕES DAS RELAÇÕES SOCIEDADE-NATUREZA EM PARACAMBI (RJ)

uma leitura comparativa das transformações socioambientais após eventos climáticos extremos

ST1 – Paisagens e naturezas

LANDSCAPE, VULNERABILITY AND EXTREME CLIMATE EVENTS: EXPRESSIONS OF SOCIETY–NATURE RELATIONS IN PARACAMBI (RJ)
a comparative analysis of socio-environmental transformations following extreme climate events

TAVARES, Cláudia Carmo
Mestranda PPGDT-ICSA | UFRRJ | Seropédica - RJ, Br | claudiacarmotavares@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0009-0002-1905-8280

RODRIGUES, Vítor Alexandre Santos
Doutorando PPGDT-ICSA | UFRRJ | Seropédica - RJ, Br | altvitor1@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2045-7094

ALCANTARA, Denise de
Professora Associada, DAU-IT, PPGDT-ICSA | UFRRJ | Seropédica - RJ, Br | dalcantara@ufrrj.br | ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6482-0943

RESUMO

Este artigo investiga as transformações da paisagem urbana de Paracambi (RJ) a partir do evento climático extremo ocorrido em fevereiro de 2024, com o objetivo de analisar como a reconfiguração da paisagem evidencia vulnerabilidades socioambientais preexistentes no território. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, vinculada às investigações desenvolvidas no Oeste Metropolitano, inserido na Região Hidrográfica II – Guandu. O município apresenta ocupação concentrada em áreas de encosta e margens de cursos d'água, o que amplia a exposição a riscos hidrológicos e geológicos. Os impactos registrados, como inundações, deslizamentos e interrupções de infraestrutura, atingiram principalmente áreas densamente ocupadas, evidenciando a distribuição desigual dos riscos e a fragilidade das políticas urbanas. A partir da análise comparativa de diferentes pontos da cidade, observa-se que a paisagem pós-desastre expressa não apenas danos físicos, mas também processos de negligência. Os resultados indicam que o planejamento territorial deve incorporar a leitura da paisagem como ferramenta analítica, orientando estratégias de adaptação fundamentadas nas especificidades locais, no fortalecimento do planejamento integrado e na valorização das práticas territoriais.

Palavras-chave: reconfiguração da paisagem; vulnerabilidade socioambiental; eventos climáticos extremos; desenvolvimento urbano.

ABSTRACT

This article investigates the transformations of the urban landscape of Paracambi (RJ) following the extreme climatic event that occurred in February 2024, aiming to analyze how the reconfiguration of the landscape highlights pre-existing socio-environmental vulnerabilities in the territory. The research adopts a qualitative approach, linked to the research developed in the metropolitan west, located in Hydrographic Region II – Guandu. The municipality presents concentrated occupation in hillside areas and riverbanks, which increases exposure to hydrological and geological risks. The recorded impacts, such as floods, landslides, and infrastructure disruptions, mainly affected densely occupied areas, highlighting the unequal distribution of risks and the fragility of urban policies. Based on the comparative analysis of different points in the city, the post-disaster landscape expresses not only physical damage but also negligence processes. The results indicate that territorial planning should incorporate landscape analysis as an analytical tool, guiding adaptation strategies based on local specificities, strengthening integrated planning, and valuing territorial practices.

Keywords: *reconfigured landscape; socioenvironmental vulnerability; extreme climatic events; urban development.*

1 INTRODUÇÃO

A paisagem está em constante reconfiguração, seja pelas ações da natureza, por eventos climáticos extremos ou pelas dinâmicas sociais. Em Paracambi (RJ), esse processo se tornou mais evidente após os episódios de fevereiro de 2024, quando as enchentes e os movimentos de massa alteraram não só o espaço físico, mas também a forma como a população passou a vivenciar e perceber seu lugar cotidiano.

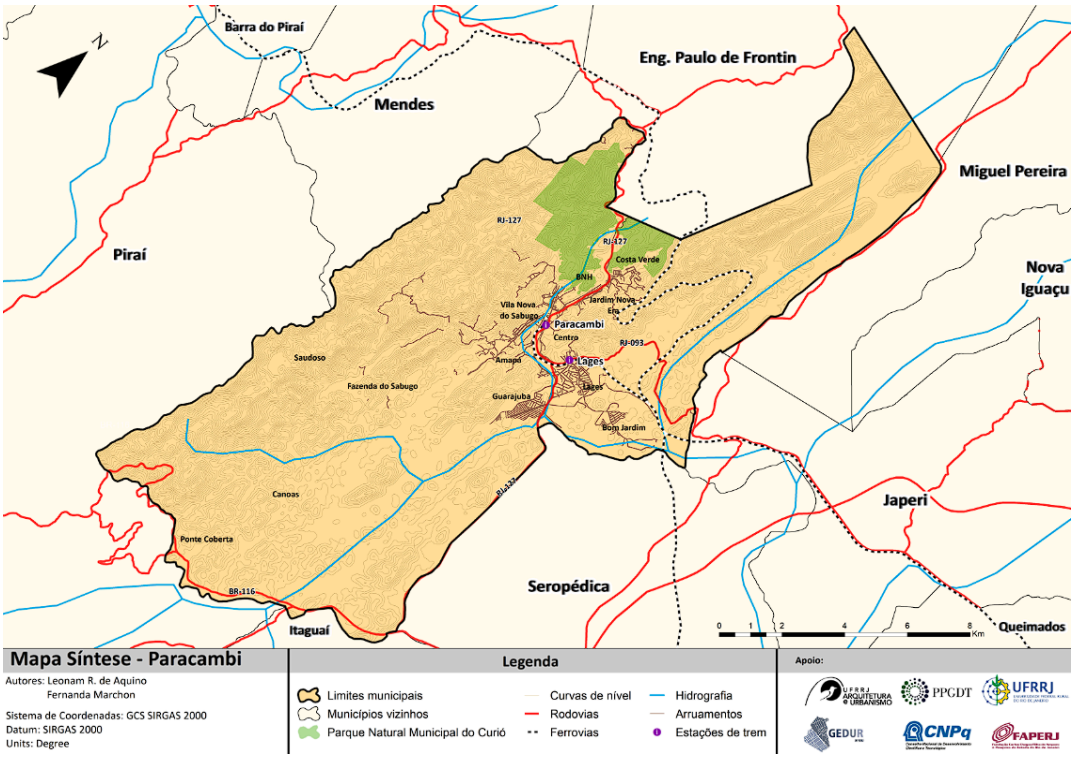
Paisagem pode ser compreendida como resultado da interação dinâmica entre cultura e natureza e dessas interrelações emerge a herança cultural e natural (ICOMOS, 2014). Sua preservação de forma conjunta é essencial, pois a paisagem, enquanto síntese desses elementos, expressa valores humanos construídos ao longo do tempo.

Ao compreender a paisagem como expressão material dessas interações, Santos (2006) enfatiza seu caráter histórico e a coexistência de formas produzidas em diferentes momentos, e destaca que “a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (SANTOS, 2006, p. 66).

Elementos da paisagem carregam experiências coletivas e apelo público, o que lhes confere relevância (Delphim, 2004). Ao pensar a paisagem e sua reorganização, ela pode ser entendida como um espaço que revela as relações entre sociedade e natureza ao longo do tempo.

Paracambi ocupa posição estratégica como eixo de conexão entre o Vale do Café e a Baixada Fluminense (Fig. 1). Emancipado a partir do desmembramento de distritos de Vassouras e Itaguaí em 1960 (RIO DE JANEIRO, 1960), seu crescimento urbano esteve diretamente relacionado à instalação da Companhia Têxtil Brasil Industrial, fundada em 1871, consolidando-se a Vila dos Operários, formada pela ocupação de trabalhadores que buscavam residir nas proximidades da fábrica (NETO, 2024).

Figura 1 - Mapa Síntese de Paracambi



Fonte: Acervo GEDUR, 2022.

O Rio dos Macacos atravessa a área central, e recebe contribuições de afluentes que deságuam no Ribeirão das Lajes, que junto com o Rio Santana, formam o Rio Guandu. O ribeirão apresenta elevado volume de água devido à transposição do Rio Paraíba do Sul, além das cargas hídricas serem provenientes de Paulo de Frontin, Piraí e Mendes (COSTA; WILFRIED, 2001).

A vulnerabilidade territorial no Vale do Café associada às transformações nos sistemas hídricos locais, influenciam diretamente bacias adjacentes, em um cenário de progressivas transformações pela urbanização, ocupação de áreas suscetíveis a desastres ambientais e pressões antrópicas regionais, intensificando os impactos de eventos climáticos extremos.

Neste contexto, este trabalho objetiva analisar, comparativamente, como os eventos climáticos extremos reconfiguraram a paisagem municipal, compreendendo-a como produto de processos sociais, econômicos e políticos que refletem desigualdades e afetam diretamente a qualidade de vida de moradores de áreas vulneráveis. Ao explorar a interseção entre planejamento urbano, sustentabilidade e vulnerabilidade socioambiental, busca-se contribuir para o entendimento dos fenômenos multidimensionais que envolvem a gestão de um ambiente urbano mais seguro.

2 METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativa, baseada no estado da arte sobre eventos climáticos extremos, vulnerabilidade territorial e planejamento regional, e articulando esses conceitos. A análise é realizada a partir de imagens de satélite, relatos de redes sociais, registros do *Street*

View do Google Maps e documentos oficiais disponibilizados pela gestão pública, permitindo a comparação entre diferentes localidades do município, com foco nas transformações da paisagem antes e após os eventos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este tópico analisa as dinâmicas territoriais de Paracambi à luz das vulnerabilidades socioambientais e dos impactos de eventos climáticos extremos. A partir dessa perspectiva, busca-se compreender como os processos históricos de ocupação e uso do território se materializam na paisagem e são tensionados por episódios extremos, evidenciando fragilidades e reconfigurações na paisagem urbana.

3.1 Produção da vulnerabilidade e configuração territorial de Paracambi

No âmbito da organização territorial de Paracambi, o município está inserido "quase que integralmente na Região Hidrográfica II – Guandu, abrangendo principalmente as sub-bacias do Ribeirão das Lajes (51,39%), dos Rio dos Macacos (27,8%) e do Rio Santana (20,63%), enquanto apenas 0,2% do território pertence à bacia do Rio Piraí (AGEVAP, 2020)" (PARACAMBI, 2025, p. 14). Nesse contexto, ao analisar-se a ocupação habitacional, observa-se que ela ocorreu historicamente de forma concentrada nas margens dos cursos d'água que atravessam o município, bem como em áreas de encosta.

Tal característica coloca o território exposto a maiores vulnerabilidades em ocasiões de precipitações intensas. De acordo com o Plano de Contingência Municipal de Paracambi – PLANCON 2025 , "estima-se que 45,9% dos domicílios estejam situados em áreas suscetíveis a inundações" (PARACAMBI, 2025, p. 14). Esse padrão de urbanização desordenado revela que os riscos ambientais e os desastres não se distribuem de forma homogênea no território, eles incidem de maneira mais intensa sobre grupos e áreas já marcados por vulnerabilidades históricas (ACSERALD, 2004).

Reconhecendo essa fragilidade, algumas medidas institucionais foram implementadas ao longo dos anos. "A Lei Municipal nº 863/2007 instituiu zonas de restrição à ocupação e vedou a edificação em terrenos com declividade igual ou superior a 30%, buscando limitar a instalação de moradias em setores de risco geológico" (PARACAMBI, 2007 *apud* PARACAMBI, 2025, p. 14). Além disso, o Serviço Geológico do Brasil (SGB, CPRM) publicou a Carta de Suscetibilidade a Movimentos de Massa e Inundação e a Carta Geomorfológica de Paracambi (2023), as quais buscam evidenciar que áreas urbanizadas coincidem com setores de alta suscetibilidade a enchentes, inundações e movimentos de massa.

Logo, conforme Acserald (2001), esses desastres devem ser compreendidos não apenas como eventos naturais, mas como expressões de processos sociais, econômicos e políticos que moldam o uso e a ocupação do território. Nessa perspectiva, o conceito de direito à cidade (LEFEBVRE, 2011) não pode ser dissociado das condições ambientais que sustentam a vida urbana, uma vez que a degradação ambiental e a exposição desigual aos riscos comprometem o acesso efetivo à cidade e aprofundam as desigualdades socioespaciais.

3.2 O evento extremo de fevereiro de 2024 e a reconfiguração da paisagem

O episódio ocorrido nos dias 21 e 22 de fevereiro de 2024, no município de Paracambi, registrou intensa precipitação, superando a média histórica do período, com aproximadamente 161,6 mm em um intervalo de 24 horas, conforme registro do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (CEMADEN). Em razão da tempestade, caracterizada como convectiva de forte intensidade, que afetou gravemente diversos bairros do município, como Jardim Nova Era, BNH de Cima, BNH de Baixo, Capinheira, Quilombo, Raia, Fábrica, Centro, Cascata, Sabugo, Cupê e Lages, a Prefeitura Municipal de Paracambi (RJ) decretou Situação de Emergência em suas áreas atingidas (PARACAMBI, 2024).

> [...] Considerando que as chuvas acima caracterizaram tempestade local convectiva (chuva intensa), afetando gravemente diversos bairros do Município: Jardim Nova Era, BNH de cima, BNH de Baixo, Capinheira, Quilombo, Raia, Fábrica, Centro, Cascata, Sabugo, Cupê, Lages, causando deslizamentos de encostas, ameaças e deslizamentos de barreiras, deslizamentos e colapsos de muros e contenções, ameaças e quedas de árvores, obstrução e interdição de vias, rede elétrica de baixa tensão danificada, e alagamentos em diversos pontos, com nível da água no teto de diversas residências, lojas e veículos; (PARACAMBI, 2024, p. 1).

Esse evento trouxe à tona as fragilidades estruturais e sociais presentes no município, o que revelou vulnerabilidades na capacidade de adaptação e resiliência frente a eventos climáticos extremos (Figura 2). Além da Defesa Civil e do Corpo de Bombeiros, o Exército, a Guarda Municipal, a Polícia Militar e o Instituto Estadual do Ambiente (INEA) foram mobilizados durante o episódio. De acordo com dados divulgados pela prefeitura, através do levantamento preliminar feito pela Secretaria de Assistência Social, cerca de 200 moradores ficaram desalojados.

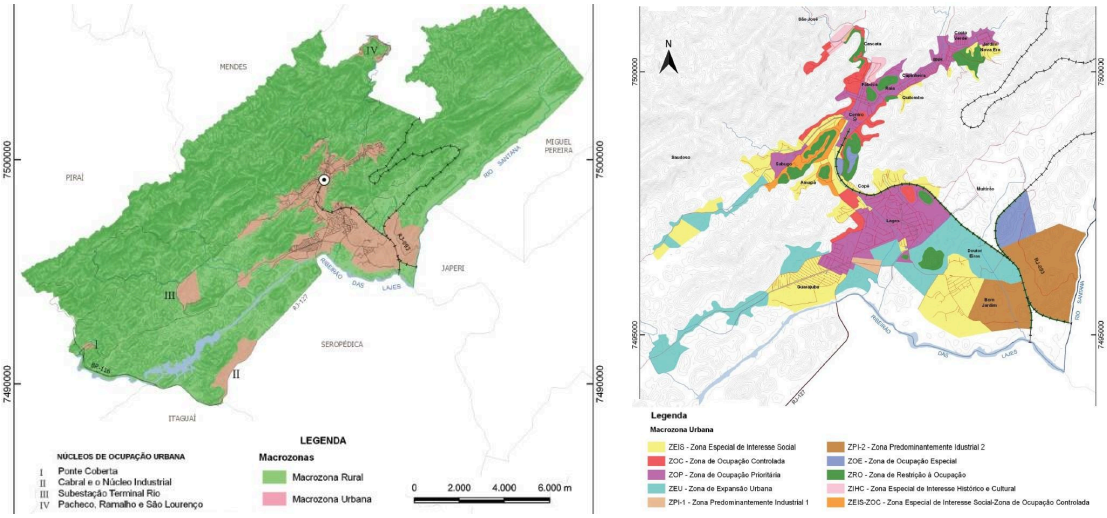
Figura 2 - Registros associados ao evento extremo de fevereiro de 2024 em Paracambi



Fonte: TV Globo, 2024.

A espacialização dos bairros atingidos (Fig. 3) permite observar que os impactos do evento concentraram-se majoritariamente em áreas inseridas na Macrozona Urbana de Paracambi, caracterizadas por maior densidade de ocupação. Essa distribuição evidencia, no contexto do episódio de 2024, a correspondência entre as áreas densamente ocupadas e os setores suscetíveis a riscos hidrológicos e geológicos, conforme apontado pelo Plano de Contingência Municipal.

Figura 3 - Macrozonas de Paracambi e Macrozona Urbana, conforme o Plano Diretor de 2022



Fonte: Paracambi, 2022.

Além dos prejuízos identificados nas áreas densamente ocupadas, o município enfrentou outro dano severo. A Serra de Paracambi, região montanhosa do território, atravessada pela rodovia estadual RJ-127, foi palco de um movimento de massa que bloqueou completamente o eixo viário, interrompendo o tráfego de veículos leves e pesados (Fig. 4). A liberação da via ocorreu apenas após cerca de seis meses, ainda com restrições operacionais, evidenciando a persistência dos impactos no território.

Figura 4 - Deslizamento de terra sobre a RJ-127



Fonte: G1, 2024.

A interrupção afetou o acesso a serviços como saúde, transporte escolar e rotina comercial local, resultando em atrasos, custos maiores de deslocamento e impactos econômicos. Essa concepção, quando relacionada à noção de desenvolvimento sustentável proposta por Sachs (2002), reforça que o desenvolvimento deve pressupor a articulação equilibrada entre as dimensões econômica, social e ambiental, já que os riscos e desastres ambientais afetam simultaneamente essas dimensões, exigindo abordagens sistêmicas e integradas no planejamento territorial.

Dessa forma, a paisagem de Paracambi pode ser compreendida não apenas como expressão visível das dinâmicas naturais e antrópicas, mas como um indicador das desigualdades socioespaciais que estruturam o território. As áreas onde os desastres se manifestam com maior intensidade, como margens de rios, encostas ocupadas e eixos viários vulneráveis, revelam, na materialidade da paisagem, os processos históricos de ocupação, a ausência ou limitação de infraestrutura adequada e a distribuição desigual dos riscos. Assim, mais do que cenário, a paisagem se constitui como elemento analítico fundamental, capaz de evidenciar as fragilidades territoriais e orientar estratégias de planejamento que considerem a formulação de propostas mais sensíveis às especificidades locais.

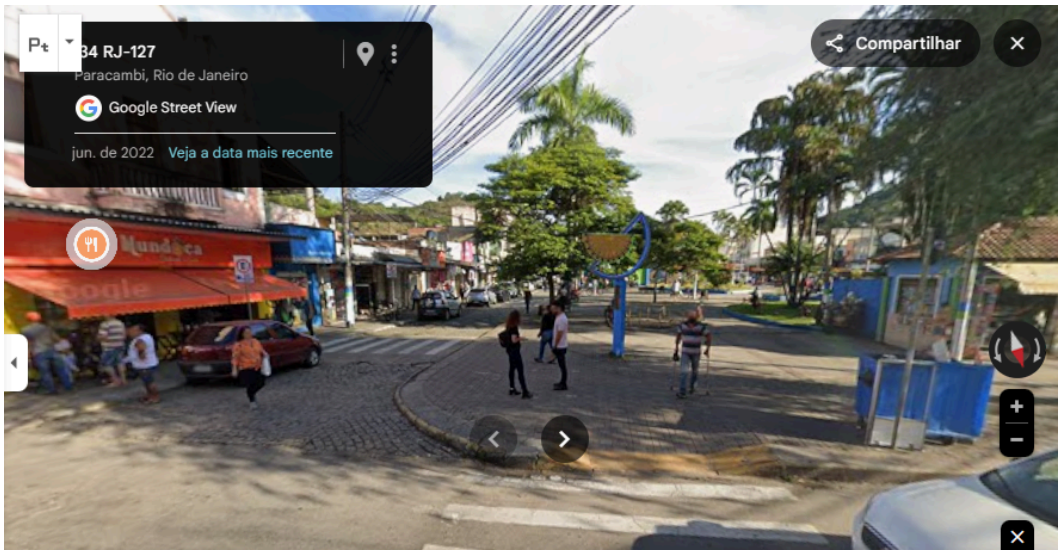
3.3 Análise comparativa das transformações da paisagem

Com base nesse arcabouço teórico, a pesquisa analisa, de forma comparativa, as mudanças na paisagem de Paracambi antes e após os eventos climáticos extremos de fevereiro de 2024, buscando evidenciar vulnerabilidades já existentes no território.

A análise é realizada a partir de imagens de satélite, relatos de redes sociais, registros do *Street View* do Google Maps e documentos oficiais da Prefeitura de Paracambi, permitindo a comparação entre diferentes localidades do município, como a Praça Cara Nova (Figuras 5 e 6), a Avenida dos Operários (Figuras 7 e 8), o bairro Jardim Nova Era (Figuras 9 e 10), o Centro de Saúde Coletiva (Figuras 11 e 12) e a rodovia RJ-127 (Figuras 13 e 14), a fim de identificar alterações na configuração espacial e nos usos do território.

No caso da Praça Cara Nova, localizada na Rua Ministro Sebastião de Lacerda, no centro de Paracambi, um dos principais espaços públicos do município, observou-se que com os eventos de precipitação extrema registrados em fevereiro de 2024, a área foi significativamente afetada por processos de inundação associados ao transbordamento de cursos d'água e ao acúmulo de águas pluviais. Entre os impactos observados, destacam-se o arraste de automóveis pela força da água e a expressiva descaracterização da paisagem local.

Figura 5 - Praça Cara Nova em 2022, Paracambi (RJ)



Fonte: Google, 2022.

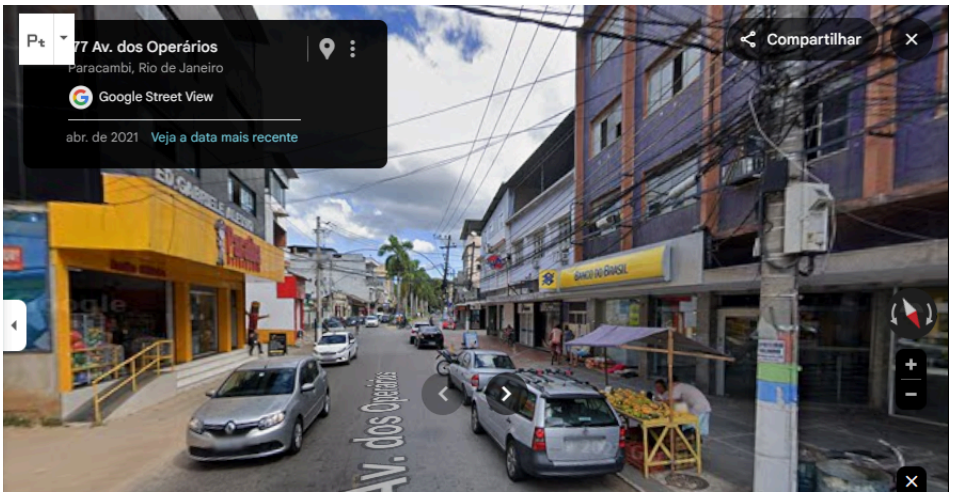
Figura 6 - Praça Cara Nova após o evento climático de 2024, Paracambi (RJ)



Fonte: PARACAMBI_AQUI_E_AGORA, 2024.

Na Avenida dos Operários, uma das principais vias do município, o acúmulo de sedimentos, especialmente lama, além de galhos de árvores e outros detritos, evidenciaram os danos materiais decorrentes dos eventos de precipitação extrema, impactando diretamente a circulação e a rotina dos cidadãos de Paracambi.

Figura 7 - Avenida dos Operários em 2021, Paracambi (RJ)



Fonte: Google, 2021.

Figura 8 - Avenida dos Operários após o evento climático de 2024, Paracambi (RJ)



Fonte: G1, 2024.

Tanto na Praça Cara Nova, quando na Avenida dos Operários, a situação observada é de impermeabilização completa do solo e falta de arborização urbana, o que poderia gerar melhores condições ambientais e de sombra, com temperaturas mais amenas, como a implementação jardins de chuva e outras soluções baseadas na natureza, para o manejo das águas tanto em eventos regulares, quanto nos extremos.

No bairro Jardim Nova Era, na Rua das Azaléias, o evento desencadeou deslizamentos de encosta que atingiram áreas residenciais, o que evidenciou alterações na paisagem associadas à instabilidade do terreno e à degradação das áreas ocupadas. Esses processos revelam a presença de ocupações em setores suscetíveis a movimentos de massa, indicando condições de vulnerabilidade socioambiental. Nesse sentido, o caso reforça a relação entre a ocorrência de desastres e a desigualdade socioespacial, uma vez que os impactos incidem de forma mais intensa sobre áreas já fragilizadas, marcadas pela ocupação de encostas e pela elevada declividade do terreno.

Algumas ações estratégicas para minimizar ou mitigar impactos em áreas consolidadas passam pela gestão pública no manejo da drenagem urbana e na implementação de jardins de chuva, pavimentações permeáveis e desassoreamento dos rios e córregos, evitando o transbordamento. A promoção de ações de conscientização da população para o correto destino de resíduos sólidos e entulhos pode evitar o acúmulo e retenção de águas em bocas de lobo e sistemas de drenagem viária. Mais uma vez, aqui, observa-se a carência de arborização urbana que não só auxilia na promoção de microclima mais ameno, como atua na absorção e retenção de parte das águas da chuva.

Figura 9 - Residências na Rua das Azaléias em 2013, Paracambi (RJ)



Fonte: Google, 2013.

Figura 10 - Impacto em residências na Rua das Azaléias após o evento climático de 2024, Paracambi (RJ)



Fonte: RIO DE JANEIRO (Estado), 2024.

Encostas ocupadas com autoconstrução são um constante risco para a população assentada de forma desordenada. Políticas habitacionais para oferecer moradia adequada às populações carentes, muitas vezes não dão conta do déficit habitacional e a terra valorizada não é acessível às camadas de renda inferior, forçando a última alternativa da informalidade. Assim, algumas ações pontuais poderiam minimizar danos e perdas, assim como melhorar as condições habitacionais e paisagísticas nesses locais, tais como a instalação de canais de escoamento de água em pré-moldados de concreto; o plantio de espécies vegetais que auxiliam na fixação do solo; uso de pavimentação permeável e, não menos importante, a criação de políticas de assistência técnica para melhorar as condições das moradias, com melhorias de coberturas e

telhados, acabamentos e impermeabilizações, ventilação e iluminação naturais, tornando o habitar, ainda que em condições informais, digno.

Já o Centro Municipal de Saúde Coletiva de Paracambi foi um dos equipamentos públicos afetados pelo evento climático extremo, ocasionando prejuízos tanto à infraestrutura quanto à população que buscava atendimento. Nesse contexto, evidencia-se que os impactos ultrapassam a dimensão física, incidindo diretamente sobre o acesso a serviços essenciais.

Figura 11 - Centro de Saúde Coletiva em 2021, Paracambi (RJ)



Fonte: Google, 2021.

Figura 12 - Centro Municipal de Saúde Coletiva após o evento climático de 2024, Paracambi (RJ)

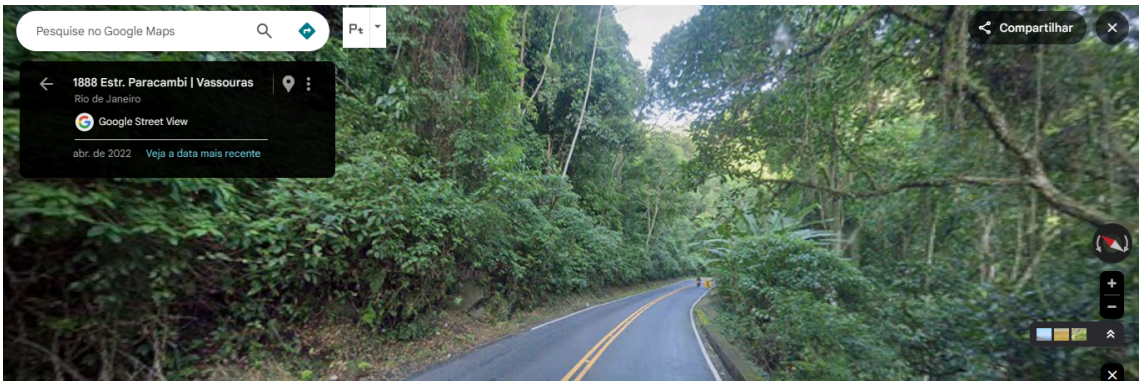


Fonte: G1, 2024.

Por fim, a RJ-127, importante via de ligação entre o município de Paracambi e localidades como Engenheiro Paulo de Frontin e outros municípios do Vale do Café, foi severamente afetada por movimentos de massa durante o evento climático extremo. Os deslizamentos de terra provocaram a interdição da rodovia por meses, gerando significativos transtornos para a mobilidade e a rotina da população regional.

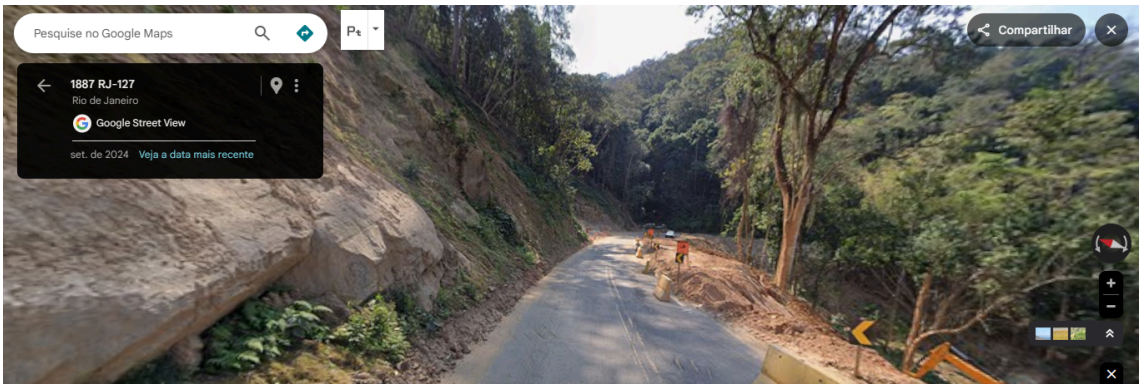
A detecção antecipada de pontos de possíveis deslizamentos em áreas urbanas deve ser realizada com frequência, bem como a implementação de muros de contenção com uso de estruturas econômicas como gabião, além de reflorestamento em áreas de encostas desprovidas de cobertura vegetal. A ocupação urbana desordenada nas encostas e o lançamento de lixo e entulhos nos cursos d'água são importantes vetores de possíveis danos.

Figura 13 - Trecho RJ-127 em 2022, Paracambi (RJ)



Fonte: Google, 2022.

Figura 14 - Trecho RJ - 127 após o evento climático de 2024, Paracambi (RJ)



Fonte: Google, 2024.

No caso de estradas que cortam áreas florestadas em encostas, a questão é mais complexa, e possíveis alternativas demandam ações conjuntas da gestão pública e defesa civil, para ampliar a fiscalização e controle de desmatamentos e incêndios florestais ocasionados por queimadas provocadas de forma recorrente, além de coibir práticas de abertura de pastos e cultivos. A manutenção da pavimentação e qualidade das estradas e detecção antecipada de possíveis problemas estruturais nas vias também deve ser realizada de modo constante.

A análise das evidências demonstra que a ocorrência de eventos climáticos extremos atua como um catalisador, exacerbando vulnerabilidades socioambientais preexistentes e promovendo transformações profundas tanto na configuração da paisagem quanto na dinâmica cotidiana das populações afetadas.

Tais constatações reiteram a necessidade imperativa de um planejamento urbano que transcenda modelos genéricos, fundamentando-se nas especificidades e realidades locais.

Somente através dessa sensibilidade territorial será possível implementar estratégias eficazes para a mitigação de riscos e o fortalecimento da capacidade de resposta institucional e comunitária diante da iminência de novos episódios críticos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que os eventos climáticos extremos não apenas desencadeiam transformações físicas no território, mas tornam visíveis processos históricos de produção da vulnerabilidade, associados às formas desiguais de ocupação e à fragilidade das políticas urbanas. Em Paracambi, a leitura da paisagem pós-desastre permite revelar dimensões frequentemente invisibilizadas no cotidiano, expondo áreas negligenciadas pelo poder público e evidenciando como determinados grupos permanecem mais expostos aos riscos.

Souza (2003) contribui para essa análise ao destacar que a atuação do Estado na produção do espaço ocorre de forma seletiva, marcada por ações pontuais e reativas, ao mesmo tempo em que se ausenta de políticas estruturantes. Tal dinâmica reforça a permanência de fragilidades territoriais e contribui para a reprodução das desigualdades socioambientais. A partir desse reconhecimento, torna-se fundamental compreender que estratégias de planejamento e adaptação não podem ser formuladas de maneira genérica ou importadas de outros contextos. As atuações, nesse sentido, devem emergir das especificidades do território, considerando suas dinâmicas sociais, ambientais e históricas.

Logo, reconhecer os pontos críticos da paisagem permite também reconhecer possibilidades de ação, proporcionando a construção de respostas mais eficazes na prevenção e mitigação de desastres, por meio do fortalecimento do planejamento territorial integrado, da incorporação dessa leitura nos instrumentos urbanísticos, como no direcionamento do zoneamento, na delimitação de áreas de risco e na formulação de estratégias de drenagem, e da valorização de estratégias locais de adaptação construídas junto às comunidades.

Os cenários de mitigação e adaptação dos efeitos das mudanças climáticas sugerem ainda a aplicação de ações diretas e indiretas e estratégias ecossistêmicas, como apontado acima, que poderiam influenciar uma maior resiliência urbana em novos episódios extremos e também no cotidiano urbano. A integração e articulação da pesquisa acadêmica, da ciência, juntamente a gestão pública e a sociedade civil pode ser um caminho possível para a preservação da paisagem e melhoria das condições urbanas em Paracambi.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Henri. Justiça ambiental - ação coletiva e estratégias argumentativas. In: ACSELRAD, Henri; HERCULANO, Selene; PÁDUA, José Augusto (orgs.). **Justiça ambiental e cidadania.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. p. 23-39.

_____. Sentidos da sustentabilidade urbana. In: ACSELRAD, Henri (org.). **A duração das cidades:** sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2001.

COSTA, Helder; WILFRIED, Teuber. **Enchentes no estado do Rio de Janeiro:** uma abordagem geral. Rio de Janeiro: SEMADS, 2001. Disponível em:

https://www.pick-upau.org.br/mundo/panorama_aguas_rj/08_enchentes_abordagem.pdf. Acesso em: 12 mar. 2026.

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. **Paisagem cultural: reflexões sobre um conceito**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

G1. **Chuva em Paracambi causa alagamentos e prejuízos na cidade.** 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2024/02/22/chuva-em-paracambi.ghtml. Acesso em: 11 abr. 2026.

_____. **Trecho da RJ-127 entre Paracambi e Mendes vai seguir fechado por tempo indeterminado.** 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2024/02/29/trecho-da-rj-127-entre-paracambi-e-mendes-vai-seguir-fechado-por-tempo-indeterminado.ghtml. Acesso em: 30 mar. 2026.

GOOGLE. **Google Maps: Street View da Avenida dos Operários, Paracambi, RJ, 2021.** Disponível em: https://www.google.com/maps?q=-22.6085197,-43.7095303. Acesso em: 11 abr. 2026.

_____. **Google Maps: Street View do Centro Municipal de Saúde Coletiva, Paracambi, RJ, 2021.** Disponível em: https://www.google.com/maps?q=-22.6082952,-43.7095285. Acesso em: 11 abr. 2026.

_____. **Google Maps: Street View da Praça Cara Nova, Centro, Paracambi, RJ, 2022.** Disponível em: https://www.google.com/maps/place/Pra%C3%A7a+Cara+Nova+-+Centro,+Paracambi+-+RJ,+26600-000/. Acesso em: 11 abr. 2026.

_____. **Google Maps: Street View de trecho da Rodovia Estadual RJ- 127, Paracambi, RJ, 2021.** Disponível em: https://www.google.com/maps?q=-22.5777128,-43.6870653. Acesso em: 11 abr. 2026.

_____. **Google Maps: Street View de trecho da Rodovia Estadual RJ- 127, Paracambi, RJ, 2024.** Disponível em: https://www.google.com/maps?q=-22.5777128,-43.6870653. Acesso em: 11 abr. 2026.

_____. **Google Maps: Street View da Rua das Azaléias, 305, Paracambi, RJ, 2013**. Disponível em: https://maps.app.goo.gl/pY5yzeRNZWQRNS2B6. Acesso em: 7 abr. 2026.

RIO DE JANEIRO (Estado). **Parecer técnico: avaliação de risco geológico da Rua das Azaléias**. Disponível em: https://www.rj.gov.br/drm/sites/default/files/arquivos_paginas/089_Parecer%20Técnico_Paracambi_JardimNovaEra_Rua_das_Azaleias_RPref_MoacyrFranco.pdf. Acesso em: 7 abr. 2026.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LANDSCAPE ARCHITECTS (IFLA). **Florence Declaration on Landscape**. Florence, 2014. Disponível em: https://iflaonline.org. Acesso em: 28 mar. 2026.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. 3. reimpr. São Paulo: Centauro, 2011.

NETO, Davi Pereira Romeiro. **O legado da Cia. Têxtil Brasil Industrial:** a criação do Centro de Memória da Indústria Têxtil em Paracambi. 2024. 187 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade) – Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural

do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2024. Disponível em: https://rima.ufrrj.br/jspui/handle/20.500.14407/23002. Acesso em: 11 abr. 2026.

PARACAMBI (RJ). Prefeitura Municipal. **Diário Oficial do Município de Paracambi.** n. 1213, 22 fev. 2024. Disponível em: https://paracambi.rj.gov.br/diariooficial/DOE.Paracambi.Ed1213%2022.02.2024.pdf. Acesso em: 11 abr. 2026.

PARACAMBI_AQUI_E_AGORA. **Registro de alagamentos em Paracambi (RJ) durante fortes chuvas.** Instagram, 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DVCDZdqidm7/. Acesso em: 11 abr. 2026.

PARACAMBI (RJ). Secretaria Municipal de Proteção e Defesa Civil. **Plano de Contingência Municipal de Paracambi – PLANCON 2025.** Paracambi: Prefeitura Municipal de Paracambi, 2025.

RIO DE JANEIRO (Estado). **Lei nº 4.426, de 8 de agosto de 1960.** Dispõe sobre a criação do município de Paracambi. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1960.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

TV GLOBO. RJTV 2ª edição. **Veja os estragos causados pela chuva em Paracambi.** Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/12379782/. Acesso em: 30 mar. 2026.